

reportagem cultural



Oly Jr. foi fiel escudeiro do compositor Julio Reny durante mais de 15 anos

Sob o céu de Julio

Cristiano Bastos*

A história de Oly Jr. sendo escudeiro do bardo Julio Reny inicia-se no final dos anos 2000 (durando até meados de 2024), dias em que o guitarrista percorria o circuito de shows em bares e teatros de Porto Alegre. A parceria frutificou no grupo Os Irish Boys, junto do qual Reny fez a gravações dos álbuns *Bola 8* e *O Homem que Amava as Mulheres* (no qual Oly tem com o compositor parceria na canção *A princesa, a lady e o Anjo*), além do DVD *Julio Ao Vivo no Estúdio Marquise 51*. “Cheguei a fazer uma versão para *Uma tarde de outono de 73*, canção de seu emblemático disco *Último Verão*, para

um álbum meu que acabou sendo engavetado. Até que em 2009 o Julio mostrou-me uns escritos em folhas de caderno contendo poemas, frases soltas, desabafos e memórias. Certa feita, debrucei-me num longo poema sobre despedida que ele havia escrito. Dei uma lapidada na letra, acrescentei umas coisas, vertendo-o no formato de uma canção. Nascia dessa forma *Adeus companheiro*”. Como estava nessa época finalizando o álbum *Milonga Blues*, e, portanto, mergulhado nesse conceito, Oly fez da música (que ganhou registro em *Bola 8*) o que ele conceitua como uma espécie de “milonga western”.

Oly considera o tempo passado ao lado de Julio Reny um

período de muito aprendizado, no qual consegui explorar seu lado guitarrístico como nunca até ali havia experimentado. Nesse período, afirma, pôde dedicar-se a acompanhar um de seus ídolos na música gaúcha. “O Julio possui uma maneira muito própria de compor, valendo-se de acordes não muito usuais no rock, estruturas e sequências harmônicas bem peculiares, sofisticadas, que fizeram-me sair da minha zona de conforto musical calcada no blues”, reconhece. Julio Reny, por sua vez, é breve nas palavras mas certo no elogio feito ao seu antigo *side man*: “Oly Jr. é um músico dedicado que, além de muito bom, ama de verdade o que faz”.

A palo seco com Belchior

Certa feita, em idos de 2003, cumprindo mais uma noite tocando no bar 8 1/2, em Porto Alegre, do qual era habituê, eis que, no lusco-fusco do recinto, Oly Jr. enxergou numa das mesas uma figura que parecia-lhe familiar. De início, deu continuidade ao seu repertório de blues e *folk songs*; de repente, eis que a tal figura levanta da mesa e vem em sua direção, tão logo havia finalizado um dos números musicais. Era ninguém menos do que Belchior. Conta Oly: “Sim, o Belchior em pessoa, um dos maiores artistas e composito-

res da música brasileira, apareceu num show meu, então levado pelo chapa Emilio Chagas, um dos grandes agitadores culturais da cidade, num dos melhores espaços que Porto Alegre já teve no quesito música autoral”.

Na finaleira da apresentação, relata o guitarrista, o cearense pediu para dar uma canja no show. “Como ele viu que o clima era meio bluesy, o Belchior pediu para tocar um ‘blues abolerado’”. Depois Belchior largou três clássicos que Oly manjava bem: *A palo seco*, *Velha roupa colorida* e *Como*

nossos pais. Após terem sido devidamente apresentados um ao outro, rolou um baita papo sobre música e arte em geral. “Belchior era um sujeito muito inteligente e com sentido existencial muito aguçado. Mostrava desenvoltura para dialogar sobre temas sejam mundanos, políticos, sociais ou espirituais. Daqueles seres humanos que se podia notar o quanto sangraram e choraram na vida. Quando vez por outra toco *A palo seco* nos meus shows, lembro desse momento inusitado e marcante em minha trajetória”, declara.

Milonga blues

Oly Jr considera o blues sua primeira escola, a qual deu-lhe todo o suporte e base necessários para “ingressar na guerrilha artística e sobreviver no caos sonoro”. Mas, enquanto gênero musical, é a milonga que, em suas palavras, tem lhe acompanhado desde os tempos de piá. “A milonga vem me cutucando desde sempre, antes mesmo de eu começar a pensar sobre música, invadindo meus ouvidos e acalmando minha alma”, garante.

Para Oly, a milonga é a significação direta de uma sonora mistura campeira herdada de seus ancestrais pampeanos. Ao dar-se conta disso, sucedeu-se algo que Oly admite não conseguir explicar exatamente, mas que, de qualquer modo, traduz-se na necessidade de buscar suas origens musicais. “Através da milonga descobri que podia tanto resgatar minhas lembranças mais antigas quanto render homenagens a meus mestres, minha cidade, minha família. Encontrei na milonga um jeito peculiar de me expressar”, filosofa.

O compositor traça um relato mais detalhado sobre esse momento de epifania: “Em meados de 2008, eu completei dez anos de carreira e precisava de um divisor de águas. Tinha acabado de pôr na roda uma coletânea de canções de minha autoria e, anteriormente, havia lançado discos com canções de minha autoria. Naquela altura, achei que havia chegado a hora de revisar minha própria obra para então recomeçar do zero.”

Paralelo a isso, situa Oly, bateu

a vontade de escutar coisas “mais regionais”. Algo regional, ainda que contemporâneo. “Mesmo que minha escola tenha sido o blues, nunca deixei de escutar e tocar várias canções de artistas gaúchos que me fascinavam dentro do circuito musical sulista. Circuito esse no qual sempre eu sonhei me inserir”. Neste processo, começou a ouvir com atenção as músicas que Bebeto Alves havia lançado com letras de autoria do compositor e violonista nativista Mauro Moraes, constantes nas obras fonográficas *Milongueando uns Troços*, *Mandando Lenha* e *Milongamento*. “A audição destes álbuns emocionou-me muito, especialmente no caso das canções milongueiras. Algo aconteceu!”, exclama.

Todavia, o que acabou tocando-lhe com grande seriedade foi Vitor Ramil e seu álbum *Ramilonga* e também a nova safra de milongas que Bebeto Alves passou a produzir à época. A partir daí, como numa exortação, despertou em Oly a vontade de aprender os macetes desta tipologia musical. “Aos trancos e barrancos, exatamente quando comecei a tocar blues, passei a ouvir os mestres do gênero, tirando certas canções no violão e, ao mesmo tempo, tentando entender a relatividade musical própria da milonga”, diz.

A princípio, Oly pensou em compor algumas milongas, mas tinha a sensação de que iria imitar seus mestres. “Assim como eu componho blues em português e procuro passar minha vivência através das canções, justamente

Dedo de vidro

“Blues com alma gaúcha”. Assim definiu o jornalista e crítico musical Juarez Fonseca acerca de Oly Jr. ao escrever a respeito de *Dedo de Vidro*, seu álbum lançado em 2014 com

produção de Otávio Moura. Na opinião de Juarez, trata-se do melhor letrista do blues brasileiro (e também o cara que mais identificou esse gênero com o Rio Grande do Sul). Na jornada



Folk, rock, blues e milonga: ‘rios’ que desaguam no delta musical de Oly Jr.